

## **A compreensão da existência como condição pré-significativa diante da significação analítica da existência a partir da crítica de Søren Aabye Kierkegaard**

Understanding existence as a pre-meaningful condition facing the analytical meaning of existence according to Søren Aabye Kierkegaard's criticism.

Claudinei Reis Pereira  
Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí

**RESUMO:** Este trabalho aborda a categoria da *existência* em Søren Kierkegaard. Objetiva-se apresentar um contraponto entre a análise crítico-reflexiva kierkegaardiana e a compreensão especulativo-abstrata da existência, ou seja, sob uma ótica objetivante, analítico-lógico-linguística da existência. Explica-se como o indivíduo fora reduzido à especulação, a teorias, a sistemas linguísticos que, no fundo, nada dizem a respeito da existência. Por outro lado, detemo-nos na reflexão kierkegaardiana do valor do sujeito existente, pensado a partir do olhar sobre a condição, necessariamente, pré-significativa, pré-sistemática do indivíduo.

**PALAVRAS-CHAVE:** ANALÍTICA; LÓGICA; EXISTÊNCIA; INDIVÍDUO; LIBERDADE.

**ABSTRACT:** This paper aims at an analysis of *existence* as a category in Kierkegaard's philosophy. Our objective is to present a double view for reading existence. On the one side, as the critical and reflective approach as in Kierkegaard's analysis, and on the other, the analytical and speculative-abstract understanding of existence, *ie*, the one that departs from the objectifying, analytical-logical-linguistic view of existence. We try to explain how the individual had been reduced to speculation, to theories, to linguistic systems that utterly have nothing to say about existence. Furthermore, we concentrate on Kierkegaard's reflection on the value of the existing subject as a necessarily pre-significant, pre-systematic condition of the individual.

**KEYWORDS:** ANALYTICAL; LOGIC; EXISTENCE; INDIVIDUAL; FREEDOM.

### **Introdução**

A Tentativa de definição da existência humana sempre foi uma questão de preocupação para a filosofia e para as diversas ciências como um todo. Podemos destacar que do início da vida biológica, de sua formação de um grau evolutivo de complexidade e

agregação de elementos químicos e celulares, se buscou uma ideia mais “concreta” de definição da existência. Por outro lado, tendo como base a filosofia clássica e, aqui ressaltada pelo filósofo espanhol Vicente Fatone em sua obra *Introducción al existencialismo* de 1973, a pergunta por excelência: *o que é ser?* Não se perdera com o advento da modernidade, mas se confirma a partir de uma nova perspectiva questionadora: *o que é a existência?* Dito de outro modo, “não” se pergunta mais qual é a essência do ser ou mesmo qual seu fundamento ontológico, mas sim quais os caminhos e quais as razões pelas quais tal *ser* se direcionou, ou busca se direcionar, diante da realidade. Ademais, a pergunta não é mais sobre o fundamento da existência ou sobre o desenvolvimento da ontologia à epistemologia, mas sobre a radicalidade da existência humana, ou seja, o que torna um *ser* enquanto *ser*.

Nesse sentido, mesmo diante da evolução da modernidade e, consequentemente, do seu pensamento, (que para alguns seria nada mais que a ilusão de um projeto tendo como novo fundamento a ciência, esta por sua vez, trazendo a modernidade o conhecimento prático, exato e justificável pensando que chegaria assim à realização humana), na verdade, percebemos historicamente que esse projeto não foi suficiência para apaziguar os dramas humanos, mas estabeleceu novos problemas antes nunca previstos. Poderíamos aqui parafrasear Sigmund Freud a partir de sua obra *O mal-estar na civilização* de (1930-1936) afirmando que não existe futuro sem uma gama de ilusão ou mais radicalmente falando: a ideia de “felicidade” não estava no plano da salvação.

Visto desse modo, o futuro da prosperidade guiado pela ideia de ciência, como diria Christoph Helferich que “um grau mais intenso de sociabilidade começa a determinar a vida dos homens no século XIX” (HELFERICH, 2006, p. 286). A ideia de progresso, de agenciamento, paradoxalmente se transformou em uma realidade de ilusão, ou mais radicalmente falando: no esvaziamento das vivências (para usar uma categoria husserliana) e do indivíduo singular. A escuridão dos mil anos caracterizada e destacada pelos iluministas ao período medieval e sua substituição pelo nascimento da modernidade (meados do século XIV) que trouxe consigo a evolução das ciências naturais, da matemática, da física, e das ciências biológicas, tudo isso não tornou o homem um indivíduo mais seguro e feliz, como pretendia a “segura” matemática de René Descartes e o positivismo

---

lógico de Comte, mas sim nos colocou diante de uma nova “escuridão existencial”.

Por essa razão, surgem pensadores que combateram essa visão fragmentada da existência e do indivíduo singular, pautados apenas em uma visão científica de mundo, pelo jogo analítico-lógico de mundo (visão esta advinda dos profissionais da filosofia), sustentada de certo modo por uma razão instrumental. Tais críticas foram feitas por pensadores como Nietzsche e suas *marteladas*; Freud apresentando à humanidade os seus aspectos do seu *Mal-estar*; Albert Camus revelando o homem do seu tempo trazendo a ideia de absurdo a partir de sua obra *O estrangeiro*; o filósofo pessimista Emil Cioran (esquecido por muitos na história da filosofia), que nos apresenta a própria história enquanto *História e Utopia*, ou até os mais contemporâneos como Gilles Llopovetsky em sua obra *Felicidade Paradoxal* até Zigmunt Bauman com seus conhecidos títulos como *Modernidade Líquida*, *Amor líquido*, *44 cartas do mundo líquido moderno*, *Capitalismo parasitário*, *A cultura no mundo líquido*, *Medo Líquido*, entre tantos outros. Todos estes autores estão buscando uma análise mais profunda sobre homem e sua relação com o mundo.

Contudo, neste trabalho queremos dar ênfase ao existencialismo do dinamarquês Søren A. Kierkegaard que debateu profundamente sobre a existência humana fazendo suas críticas a toda estrutura puramente objetiva (exe.: sistema hegeliano) que tem como foco a visão da existência pautada na razão, isto é, a precedência lógica da existência.

Kierkegaard se torna um autêntico defensor da categoria do indivíduo num tempo em que o sistema lógico racional evidenciado pelos iluministas, nega o valor singular da existência, desvalorizando desse modo todo um processo de identidade humana, desvalorizando sua autenticidade, sem vida e sem espírito. A existência em sua totalidade deve ser analisada a partir do ser humano a consciência do próprio existir, da consciência filosófica diante do absoluto, de sua própria e única razão de ser. Para o pensador dinamarquês, a existência humana não pode ser interpretada simplesmente pela pura conceituação intelectual ou sistêmica, mas deve ser vista dentro de sua dimensão existencial.

Além disso, buscou em sua filosofia existencial da ênfase a singularidade do ser existente, o destacando como um ser livre e de escolhas, de algum que dever procurar em sua interioridade a sua

própria verdade, realizando um contraponto e combatendo a ordem especulativa e intelectualista que para Kierkegaard, opõem-se as exigências da interioridade.

## 1 A crítica kierkegaardiana a redução analítica da existência.

*“O existencialismo [...] considera o homem como ser finito, lançado no mundo’ e continuamente dilacerado por situações problemáticas ou absurdas” (REALE, 2006, p. 286).*

Para um pensador preocupado com o valor singular da existência como o pensador subjetivo e irônico Søren A. Kierkegaard, não é o critério da formalidade conceitual que o encanta, menos ainda a aparente necessidade de uma explicação moral ou ética pautada na formalidade de uma teoria moral. Ele não parte do agenciamento, do cálculo, da observação científica, das estruturas semânticas de códigos e regras linguísticas, mas parte do reino da espontaneidade da existência. Nele, a existência parte da busca, do encantamento, do olhar atento e vigilante; ela é o espontâneo e não a forma estrutural; é a paixão e não o esfriamento; é a interioridade e não a exterioridade; é a subjetividade e não a objetividade; é a ironia em busca da verdade, e não a certeza fria da matemática e da ciência; é a fé e o absurdo no lugar das conformidades da razão ante a realidade; é a verdade da subjetividade que se encontra na interioridade. Ademais, não é liberdade e necessidade, mas possibilidade e necessidade. Não é tautológico, mas dialógico.

Johannes Climacus no *Pós-escrito às migalhas filosóficas* afirma que:

O caminho da reflexão objetiva agora leva ao pensamento abstrato, à matemática, ao conhecimento histórico de várias espécies, sempre distanciando-se do sujeito, cuja existência ou não existência se torna, com toda razão do ponto de vista objetivo, infinitamente indiferente, com toda razão, pois como diz Hamlet, existência e não existência possuem apenas significações subjetivas. Em seu máximo caminho levará a uma contradição e, no caso do sujeito não se tornar inteiramente indiferente a si mesmo [...]

A reflexão subjetiva volta-se para dentro, em direção à subjetividade, e que, nessa interiorização, ser a [reflexão] da verdade, e assim, tal como no que vivemos antes, *quando a objetividade avança, a*

*subjetividade desaparecia, agora a própria subjetividade torna-se o verdadeiro, e o que é objetivo, o evanescente. (KIERKEGAARD, 2013, p. 204-207)*

A qualificação da existência diferentemente da precisão lógica tem um valor fundamental dentro do contexto do existencialismo kierkegaardiano. Ela é constitutiva do sujeito filosofante. Além disso, a existência é um modo de ser, ela é nada mais que possibilidade, é um poder-ser, é a condição em que o indivíduo, segundo Kierkegaard, é um “*ser-capaz-de*” (KIERKEGAARD, 2010, p. 48).

Entendido assim, a seguinte questão percebida dentro de certas posturas e debates acadêmicos parte do seguinte questionamento: se a condição humana se caracteriza em seu modo de ser no mundo, por sua dinâmica e formas de existir em seus *estádios da existência* e da relação do indivíduo com a própria existência, seja em seu aspecto de natureza moral ou de sua concepção de verdade, como então, podemos conceber, categoricamente, linguisticamente ou logicamente o sujeito existente? Nossa resposta a este questionamento é que é inconcebível falarmos em uma *natureza dos juízos morais* sem antes pensarmos na natureza do ser existente. (*video meliora, proboque, sed deteriora sequor* – vejo e experimento o que é melhor, mas sigo o pior, diria o poeta Ovídio (43 a.C. – 18 d.C.). Essa discussão se torna sem sentido e fora de contexto se não houver uma ligação entre sujeito e suas vivências.

A análise da existência que tem como discussão a argumentação lógico-linguística não trata primeiramente a discussão em um nível prático e real, mas estende sua discussão para um nível especulativo e ao nível *metaético* (se quisermos ressalta o estudo formal e abstrato da moralidade) Esta, por sua vez, tem como preocupação primeira não os problemas ligados diretamente com a vivência intersubjetiva da comunidade dos indivíduos, mas funda-se exclusivamente no critério de argumentos de ordem analítica. Seu valor de verdade parte primeira do valor analítico e não, necessariamente, do valor do existente, mesmo sabendo-se que todo pensar *metaético* implica necessariamente em uma aplicabilidade normativa.

Pensar de certo modo em *metaética* não implicar necessariamente ter uma preocupação responsável por uma implicação

---

normativa, mas primeiramente e puramente trata-se da análise teórica do *dever-fazer*. Para tanto, esta disciplina se valida dos mesmos pressupostos baseados em uma espécie de *análise científica dos argumentos*, ou seja, da

semântica da linguagem moral e de seu valor; do benefício metafísico aparente das propriedades morais ou dos valores; da epistemologia putativa da moralidade ou teoria do valor; e da relação da moralidade ou dos valores com o raciocínio prático” (DARWALL; GIBBARD; RAILTON, 1992, página irregular, tradução nossa)

Contudo, pensar especificamente de modo especulativo reduz necessariamente a capacidade de verificação de um dos problemas fundamentais da filosofia, que seria não o problema conceitual, semântico ou linguístico de determinadas sentenças, mas o homem em si mesmo.

De fato, para o homem, filosofar significa, em primeiro lugar, enfrentar o próprio destino e pôr claramente diante de si os problemas resultantes da própria relação consigo mesmo, com os outros homens e com o mundo. *Significa não tanto se limitar a elaborar conceitos, a idear sistemas*, mas escolher, decidir, comprometer-se, apaixonar-se: viver autenticamente e ser autenticamente ele mesmo. [...] Em todas essas orientações, em todas essas atitudes, o filosofar não é verdadeiramente a doutrina ou o sistema que se reconhece estreito ou limitado, mas é o ato de compreensão com o qual essa estreiteza, ou limitação, é superada, atingindo-se assim o significado total da vida. (ABBAGNANO, 2006, p. 17-19)

Pensar o caráter da existência significa pensá-la por ela mesma em seus próprios dramas. É certo que seria impossível pensar a existência sem antes fazermos uma análise de certo modo teórica sobre a mesma. Contudo, observa-se que devemos ter o cuidado como Kierkegaard nos alerta para não reduzirmos à esfera significativa da existência e do indivíduo singular a ordem puramente teórica desvinculada da vida, coisa que para muitos autores parece ser o mais importante ao se falar de filosofia.

## 2 “Os profissionais da filosofia”

*“Os pontos, como aprendemos na geometria plana, não têm cor dimensões e, conseqüentemente, não têm textura, cor, nem com certeza, profundidade” (SOLOMON, 2011, p. 10).*

A filosofia foi “esquecida” de seus grandes problemas como: a vida, a morte, a paixão, a espiritualidade, Deus (só para dá alguns exemplo) e se deteve em problemas técnicos estilísticos da linguagem. A alegria, a paixão e fascínio pelo conhecimento parece não mais haver lugar dentro de alguns problemas contemporâneas da filosofia. Evidentemente, estas questões levantadas ficam explícitas nas palavras de Robert C. Solomon em que se lê:

A filosofia séria demais virou ‘profissão’, com seus conhecedores e ‘especialistas’; em função de suas exigências técnicas, de seus problemas e de seus quebra-cabeças específicos. [...] Ela ficou ‘superficial’ demais, atenuada, emaciada, anoréxica (para usar um termo adequadamente patológico). Em muitíssimos grupos, foi reduzida à lógica e à crítica de argumentos, à ‘desconstrução’, à permuta de jargões e ao ar diáfano da metafilosofia. Tanto a experiência concreta quanto a pesquisa científica, a religião e a espiritualidade são rejeitadas como irrelevantes ou tratadas com condescendência, com meros ‘objetos’ de estudo. (SOLOMON, 2011, p. 11)

A imaginação, a poesia, a arte, a liberdade, o ser existente, sua relação entre os sujeitos e suas vivências são condições e experiências da ordem do pré-significação e da pré-objetivação, estas, são características que antecedem qualquer quantificação e classificação da existência. Essas questões de cunho existencial foram deixadas de serem problemas cruciais para serem substituídas por aquilo que poderíamos chamar de niilismo existencial. Em outras palavras, “o antigo ideal da filosofia abrangente, opulenta, espessa e onívora foi sacrificado à nova filosofia do seco e do mal-humorado, seja na forma de argumentos lineares, seja na forma de cinismo pós-moderno”. (SOLOMON, 2011, p. 11).

O dever do sujeito existente e sua relevância parece que fora esquecida pelos tais “profissionais da filosofia”, assim qualificados pelo autor Robert Solomon. Para este autor filosofia: “não se trata de uma especialidade, profissão, clube exclusivo com suas próprias regras e senhas. Filosofia é tão somente pensar sobre temas como paixão, justiça, tragédia, morte, identidade e, naturalmente, a própria filosofia que de modo algum é domínio ou privilégio de um pequeno número de profissionais formados na universidade” (SOLOMON, 2011, p. 28).

Diante desse posicionamento de Solomon podemos afirmar que existe uma certa aproximação entre o pensamento deste autor com as críticas realizadas pelo o autor de Copenhague Søren Aabye Kierkegaard, que percebeu a existência enquanto condição única e exclusivamente singular, pois para Kierkegaard não podemos definir o ser existente como um ser definido, um ser fechado e enquadrado em padrões lógicos-linguísticos para se pensar a existência e o indivíduo singular, mas o autor subjetivo entendia a existência como condição possibilidade infinita. Nele, não se confundem sistema e existência. “Visto abstratamente, sistema e existência não se deixam pensar conjuntamente, porque, para pensar a existência, o pensamento sistemático precisa pensá-la como suspensa e, portanto, não como existente. Existência é o que abre espaço, que aparta um do outro; o sistemático é a completude, que reúne” (KIERKEGAARD, 2013, p. 124). Para Kierkegaard pensamos em várias coisas, contudo, deixamos de pensar e nos preocupar com aquilo que é mais importante, isto é, o ser existente.

Em Kierkegaard podemos salientar que a existência não se afirma ou se confirma no necessário, pois este, já é, mas sim no universo do não ser para o *dever-ser*. Afirma Climacus “O dever é a mudança da realidade pela liberdade” (KIERKEGAARD, 2011, p. 107). Para o autor luterano, a liberdade é a categoria singular do indivíduo que não pode ser reduzida a qualquer conceito ou forma. Lugar este da exclusividade do poder-ser e do dever transformador da própria existência. A existência é o lugar do paradoxo e do contínuo, da presença irônica dialética entre finitude e infinidade, ou seja, passe-se da fixidez, do exato, do preciso e do já dado, do estabelecido, do contentamento para o lugar do descontínuo, da transitividade, do salto, que para Kierkegaard “é categoria da decisão” (KIERKEGAARD, 2013, p. 103). Ademais, é o retorno da existência à posição original

após o salto do indivíduo diante do absurdo que tem como característica singular a ressignificação da existência e do próprio indivíduo.

Para o autor de Copenhague o que torna o indivíduo singular é sua capacidade de se tornar subjetivo. É na subjetividade que se encontra o reino da espontaneidade e da invenção. É o lugar secreto da poesia e do amor (*Elskov*). O amor que para Climacus “é a determinação da subjetividade” (KIERKEGAARD, 2013, p.136).

Trazer uma análise crítica da existência em Kierkegaard e ao mesmo tempo ilustrar as críticas do pensador contemporâneo Solomon significa apresentar aos leitores que o aspecto do subjetivo enquanto identidade singular da condição humana aparentemente parece ter perdido relevância. É como se as palavras acima citadas, a partir do pensamento kierkegaardiano, se configurassem ao pensamento do autor Solomon que afirma em seu livro *O prazer da filosofia* que a

Filosofia não é argumentação, mas discernimento, contemplação, visão. [...] A filosofia diz respeito à vida. [...] A filosofia não pode viver como raciocínio unidimensional. [...] A filosofia é necessidade genuína, e os problemas que enfrenta são reais e não pseudoproblemas. (SOLOMON, 2011, 26-31)

Tanto para Søren Kierkegaard como para Robert C. Solomon a filosofia não deve perder a sua capacidade de pensar seriamente sobre o mundo e o sobre o ser existente. Não se trata de pensar os “quebra-cabeças” da linguagem, mas sim pensar a existência em seus próprios dilemas. Em outras palavras, a filosofia surge não quando estamos seguros em nossos argumentos inflexíveis de proposições lógicas, isto é, diante da relação fria entre o cálculo tautológico ou o resultado das conclusões contraditórias de “mundos possíveis”, mas a mesma surge quando não sabemos onde estamos, quando de algum modo à paixão e o brilho pelo ser existente perde seu sentido e significado.

Por essa razão, nos afirma Johannes Climacus em *Pós-Escrito conclusivo não científico* que:

Nenhum homem é mais que um indivíduo singular. [...] O *Eu-Eu* é um ponto matemático que pura e simplesmente não existe. [...] Só por um momento

pode um indivíduo particular existente estar numa unidade de infinito e finito que transcenda o existir. Este momento é o instante da paixão. A especulação moderna fez de tudo para que o indivíduo possa objetivamente passar por cima de si mesmo. (KIERKEGAARD, 2013, p. 208)

O indivíduo existente em Kierkegaard se sobrepõe ao mundo fechado e puramente analítico da existência. Segundo Ana Maria Feijoo: “O homem é sempre aqui o indivíduo existente, nunca uma ideia” (FEIJOO et al, 2013, p. 24). Buscar a compreensão do indivíduo existente não significa a compreensão de primícias pré-estabelecidas, mas trata-se da “autocompreensão do homem singular” (FEIJOO et al, 2013, p. 25)

Por isso, podemos entender o homem e sua realidade dentro de um sistema enquadrado, como se determinadas estruturas linguísticas dessem conta de resolver os mais profundos dilemas humanos a partir de uma análise de um jogo complexo da linguagem. Afirma ainda Feijoo et al: “para o dinamarquês, a situação do homem não ocorre pela necessidade, nem um determinismo linear ou mesmo em um determinismo probabilístico” (FEIJOO et al, 2013, p. 26). Mas o autor luterano aposta no significado revelador da existência. Para isso, o conhecimento do sujeito deve partir da própria existência e não da pseudo-análise da existência.

Toda a produção literária kierkegaardiana busca pensar a categoria singular do indivíduo. Kierkegaard busca nos alertar para não pensarmos de modo fechado a categoria do ser existente. O que faz deste indivíduo singular ser singular não simplesmente por ser um ser caracteristicamente racional, mas pela sua capacidade singular de lhe dá consigo mesmo. Isso se afirma nas palavras de Farago:

A existência é algo que jamais será objeto, é a origem a partir da qual cada um experimenta, pensa e age. O homem é o único existente, distinto dos outros entes que só têm uma existência de fato e não sabem quem são. O homem é de fato este ente particular na medida em que está à frente de si, na tarefa de si mesmo, perpetuamente interessado por si, voltado para os possíveis, poder ser e, no entanto, só diante de suas opções. Por seus atos o homem se determina, sai do magma das coisas enquanto impõe seu ato livre: ele *ek-siste*, mantém fora de si mesmo,

no seu projeto, sua realização com o que é. O existente é o único ente capaz de existir na abertura ao ser. (FARAGO, 2006, p. 75-76)

Fica claro que o pensamento do autor dinamarquês e seu entendimento sobre a existência e o indivíduo não é da ordem da objetividade, do sistemático ou do especulativo, mas, necessariamente, da particularidade singular do indivíduo e da existência. A antropologia dialética kierkegaardiana se caracteriza pelo constante confronto-se consigo mesmo. Em todos os passos que damos em direção a vida, a mesma nos coloca diante de nós mesmo, isto é, precisamos escolher que caminho queremos seguir e tomar para si enquanto verdade. Esta decisão só cabe exclusivamente ao indivíduo. Em sua obra *Ponto de vista explicativo* Kierkegaard nos descreve que “o indivíduo: é a categoria do espírito” (KIERKEGAARD, 2002, p. 128) e ainda que “o indivíduo é a categoria cristã decisiva; e sê-lo par ao futuro do cristianismo” (KIERKEGAARD, 2002, p. 128). Isso significa dizer que para Kierkegaard existe uma exclusividade decisiva na categoria do indivíduo que nada mais é que a decisão por si mesmo.

Por fim, afirma Climacus em *Pós-escrito*: “Todo conhecimento essencial tem a ver com a existência, ou só o conhecimento cuja relação com a existência é essencial é conhecimento essencial” (KIERKEGAARD, 2013, p. 208).

Conclui-se que o diálogo entre Solomon e Kierkegaard dentro daquilo que buscamos mostrar neste trabalho caminha para uma única e definitiva conclusão: a da impossibilidade sistemática diante possibilidade infinita da existência.

## **Conclusão**

Søren Kierkegaard, o pensador de Copenhague, buscou em sua reflexão filosófica entender não o mundo a partir de seus macros problemas, mas se dedicou exclusivamente a esfera particular: *ao mundo pessoal e suas questões existências*. Para tanto, temos como base e fundamento do seu pensamento três principais categorias: a *existência*, a *subjetividade* e o *indivíduo*, que de certo modo estão em uma constante relação dialética entre o estágio ético, o estágio estético e o estágio religioso. Nelas, o autor buscou ver a unicidade e a

dinamicidade do sujeito enquanto um ser responsável e livre diante de suas escolhas.

Para este autor, a experiência humana não parte da consciência (res cogita) o do espanto aristotélico, mas a mesma parte do desespero e da angústia existencial. Não é a objetividade em seu modo restrito que define a existência, mas sim a subjetividade enquanto lugar da verdade e manifestação mais “pura” do ser.

Como não bastasse, dentro de suas críticas, aparece aquela que para os seus estudiosos é mais ferrenha: *a crítica ao sistema hegeliano*, ou seja, Kierkegaard observa a impossibilidade de sistematização da existência, mesmo entendendo perfeitamente a inegável grandeza da Filosofia de Hegel. Para Valls, que tal reconhecimento era evidente do pensador de Copenhague para com o autor alemão. Afirma Valls em seu livro *Kierkegaard, cá entre nós* que: “em sua crítica a Hegel, Kierkegaard respeita o filósofo, por mais que critique seu pensamento abstrato, sua especulação que tende a fugir da vida” (VALLS, 2012, p. 45).

Ademais, Kierkegaard, ao marcar o século XIX com uma filosofia singular diverge ao outro grande pensador, de linha sócio-histórica, a saber: *Karl Marx*. Que fazendo um paralelo entre a filosofia kierkegaardiana com a filosofia marxista, Patrícia Carina Dip (2009, p. 7-8), “afirma-nos que, se quisermos entender corretamente um filósofo da estrutura de Kierkegaard, primeiramente, supõe abandonar seu caminho teórico, com o objetivo de formular o próprio caminho”. Ademais, no segundo momento de sua reflexão afirma a autora:

Em termos gerais, diria que enquanto Kierkegaard descreve a alienação psicológica da sociedade, Marx descreve a alienação social. Nesse sentido, podemos dizer que um dos temas mais caros ao pensamento do dinamarquês é o problema da angústia. Isto é, assim como as condições históricas que Marx tinha em mente ainda permanecem; assim também permanecem as problemáticas psicológicas da angústia e a ética da decisão kierkegaardiana. (DIP, 2009, p. 9)

Por essa razão que categorias como indivíduo, singularidade, particularidade, subjetividade, paixão, angústia, desespero, entre outras são absolutamente caras a filosofia de

Kierkegaard. Contudo, se as quisermos entendê-las, não nos é aconselhável buscá-las em dicionários formais ou especializados em meio à exterioridade, mas sim dentro de cada singularidade sapiencial que se encontra em cada indivíduo. Trata-se da busca da relação consigo mesmo, da linha vertical que liga o finito ao infinito, do particular ao geral, do duplo movimento, do instante a eternidade, do humano em sua relação com o divino.

Para o autor existencial, a sistemática de Hegel seria completa se não tivesse como pretensão abarcar a existência singular do indivíduo. Ele acreditava que nem uma espécie de ciência poderia explicar e resolver o sentido e os dramas humanos, onde a necessidade existencial do sujeito enquanto um ser possível, estar fora de qualquer necessidade lógica, como pensava Hegel, (ou como pensava a filosofia de cunho analítico, lógico ou linguístico como ilustramos no presente trabalho) em que a razão absoluta e os conceitos objetivos poderiam explicar a realidade. Para este autor a lógica se dá de modo inverso, ou seja, o geral se explica pela esfera do particular. Para ele, a análise discursiva, o pressuposto objetivo e a explicação conceitual nunca serão mais importantes que a experiência singular de cada indivíduo. Neste sentido é que Ernani Reichmann afirma que: “Kierkegaard combateu o sistema em nome da existência”.

O pensador da subjetividade é um pensador de vida breve, um homem que sentiu o peso da condição humana, atormentada pela finitude, pela solidão espiritual e pela angústia do pecado. Entretanto, a sua produtividade existencial fez desse autor um dos principais pensadores do século XIX.

Para certos historiadores, por buscar uma análise sobre a existência, fora considerado o “pai” ou o “fundador” da corrente filosófica existencialista. Seu trabalho afirma Jack Reynolds era: “está preocupado também com algo que diz respeito ao pensamento existencial mais recente: a distinção entre uma vida autêntica e uma vida inautêntica” (REYNOLDS, 2014, p. 18).

Sobre o meu modo específico de escrita, ele é um escritor-pensador vasto em que seu pensamento abrange conhecimento de literatura alemã clássica e romântica, idealismo alemão, psicologia, filosofia e teologia. O pensador dinamarquês recorre ao seu modo de escrita utilizando-se de pseudônimos, caracterizando-se como mestre da ironia e da suspeita, caracterizando-o um aspecto notável em sua produção literária. Esse modo de escrita é marcado pela comunicação

---

indireta, isto é, Kierkegaard utiliza-se de pseudônimos. Por exemplo, em sua vasta obra encontramos os pseudônimos: Constantin Constantius de *Repetição* (1843); Johannes Climacus - *Migalhas Filosóficas* (1844) e *Post-Scriptum Não Científico Concludente* (1846); Vigilius Haufniensis - *O Conceito de Angústia* (1844); Hilarius Bogbinder - *Estações na Estrada da Vida* (1845); *Anti-Climacus - Doença Mortal* (1849); O segundo livro de Anti-Climacus - *Práticas do Cristianismo* (1850); Johannes de Silentio *Temor e tremor* (1843), entre outros.

Este estilo de escrita de utilização de pseudônimos faz sua produção um modo bem particular diferentemente de toda tradição filosófica. Por isso, entrar no universo kierkegaardiano significa entrar talvez em um labirinto de difícil saída, contudo, fascinante. É nesse sentido que Adorno recomenda para o cuidado que temos que ter com esse modo de escrita e, mais ainda, ao se tratar do modo kierkegaardiano de ser. Diz Adorno:

Fascinação é o poder mais perigoso de sua obra. A consistência enganadora dos pseudônimos pode nisso muito bem desmoronar-se de qual modo, a unidade do contexto filosófico superficial fechará sempre o caminho à verdadeira compreensão. A crítica precisa primeiro compreender as afirmações dos pseudônimos segundo sua construção filosófica. Nenhum escritor procede tão astuciosamente na escolha das palavras. [...] Não há meio de apanhá-lo na toca da raposa da interioridade infinitamente refletida, a não ser tomando-o pelas palavras que, planejadas como armadilhas, acabam por cercá-lo. A escolha das palavras, o retorno estereotipado delas, nem sempre planejado, manifestam conteúdos que até a intenção mais profunda do procedimento dialético antes gostaria de escolher do que revelar. A interpretação do Kierkegaard pseudônimo tem então que decompor a unidade poética, fuzadamente simulada, na polaridade de sua própria intenção especulativa e da traiçoeira literalidade (ADORNO, 2010, p. 37-39).

Com tal ênfase, merece ressaltar que dentro do pensamento kierkegaardiano destaca-se o aspecto do singular dentro da investigação sobre a existência em seu contraponto à filosofia de Hegel (como já ressaltada a cima), sabe-se que o pensador

dinamarquês questiona o universalismo hegeliano e seu abstracionismo e seu modo de compreensão da existência. Entre alguns pensadores, entre eles Hegel, nega-se de forma sistemática a existencialidade do indivíduo, a condição mais profunda do eu sobre o qual, segundo tal pensador, a existência humana estaria fundamentada exclusivamente no ser racional e na sistematização da existência, isto é, dentro de tal sistema não há lugar para a condição existente do indivíduo, para a contingência do existente, para suas escolhas.

Para o luterano, existir não significa está preso ou enclausurado a um sistema ou dogmas, mas significa antes de tudo existir, e existir significa eleger-se, significa escolher, significa particularidade e interioridade, significa paixão. Para Kierkegaard é evidente a sua proposta filosófica ter como princípio o *indivíduo*, pois nele e só a ele cabe à capacidade de escolha, só a ele cabe à atitude sapiencial da existência, que é a decisão por si mesmo como bem destacamos neste trabalho. Percebemos que (sem querer aqui fazer um psicologismo do pensador subjetivo) Kierkegaard em seu pensamento era a própria expressão de sua vida, daquilo que percebia, de sua sensibilidade poética e de sua forma singular de perceber a realidade em sua particularidade.

Portanto, o objetivo desse trabalho foi justamente apresentar a existência humana não como uma experiência sistêmica, analítica, lógica ou minimamente linguística, fundamentada em uma dogmática severa ou em sistemas históricos de um “academicismo profissional” (de profissionais da filosofia) condicionante que venha a desresponsabilizar e descaracterizar a história do indivíduo singular. Mas teve como objeto apresentar o aspecto singular da existência e do indivíduo.

Aqui cabe ainda o seguinte questionamento: se por ventura tal autor olhasse para o mundo atual, qual seria sua possível questão? Em outras palavras, o que seria aquilo que o autor de Copenhague tomaria para si como problema filosófico? Bom, acredito que a partir de seu olhar profundo e ao mesmo tempo irônico nos afirmaria com um leve sorriso e nos advertiria que precisamos urgentemente repensar aquilo que fora esquecido aparentemente por todos: a existência. Como afirma pontualmente Climacus: “a desgraça de nossa época está exatamente em que acabou por saber demais e esqueceu o que significa existir e o que é interioridade” (KIERKEGAARD, 2013, p. 274).

---

## Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor W. **Kierkegaard: construção do estético**. Tradução Alvaro L. M. Valls. São Paulo: Unesp, 2010.

ABBAGNANO, Nicola. **Introdução ao existencialismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

DARWALL, Stephen; GIBBARD, Allan; RAILTON, Peter. **The philosophical Review**, Vol. 101. No. 1. (January 1992).

DIP, Patricia Carina. A Atualidade de Søren Kierkegaard. In:\_\_\_\_\_. **A filosofia de Kierkegaard como aporte ético à alteridade**. *IHU on-line*, São Leopoldo, v. 9, n. 314, p. 7-9.

AMEIRA, Jorge Miranda de; VALLS, Alvaro L. M. **Kierkegaard**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. (Coleção passo-a-passo)

HELFERICH, Christoph. **História da Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FATONE, Vicente. **Introducción al existencialismo**, 6<sup>a</sup> ed. Buenos Aires: Columba, 1973.

FARAGO, France. **Comprender Kierkegaard**. Tradução de Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 2006

FRANCO, Garelli. **Surge uma dúvida: ainda sei duvidar?** Disponível em: <<http://www.lhu.unisinos.br/nóncias/506721-surge-uma-duvida-sei-duvidar>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2012.

FEIJOO. Ana Maria Lopez Calvo de. et al. **O pensamento de Kierkegaard e a clínica psicológica**. Rio de Janeiro: IFEN, 2013.

REYNOLDS, Jack. **Existencialismo**, 2<sup>a</sup> ed. Tradução de Caesar Souza. Petrópolis: Vozes, 2014. (Série Pensamento Humano)

SOLOMON, Robert C. **O prazer da filosofia: entre a razão e paixão**. Trad. Maria Beatriz de Medicina. Rio de Janeiro: Record, 2011.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **Pós-escrito conclusivo não científico às migalhas filosóficas**: coletânea mímico-patético-dialética, contribuição existencial, por Johannes Climacus. Vol I. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro e Marília Murta de Almeida. Petrópolis: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. **O conceito de angústia**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. (Pensamento Humano).

\_\_\_\_\_. **O desespero humano**. São Paulo: Abril Cultura, 1979. (Coleção os Pensadores)

\_\_\_\_\_. **Migalhas filosóficas: ou um bocadinho de filosofia de João Clímacus**, 3<sup>a</sup> ed. Trad. Ernani Reichmann e Álvaro Valls. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

VALLS, Alvaro Luiz Montenegro. **Kierkegaard, cá entre nós**. São Paulo: LiberArs, 2012.